

**Por Dr. Lauro Arruda – Cardiologista**

## **Título : DORINA de Gouvêa NOWILL: ELA DEIXOU DE ENXERGAR, MAS NUNCA PERDEU A VISÃO.**

Nasceu em São Paulo, em 28 de maio de 1919. Estudou no Externato Elvira Brandão e na Escola Normal Caetano de Campos . Em 14 de outubro de 1936, aos 17 anos, teve uma hemorragia no olho esquerdo, “**como uma cortina de sangue**”, e ficou cega. Com muita perseverança e força de vontade, decidiu continuar seus estudos, sendo necessária a permissão do então ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, para que uma cega pudesse frequentar uma escola regular. Nessa época os portadores de deficiência visual encontravam muitos limites para a leitura, uma vez que eram escassas as publicações adequadas. Eles enfrentavam ainda todos os obstáculos advindos da dificuldade de ocupar lugares não adaptados para receber deficientes, assim como o despreparo dos profissionais. Com determinação e compreensão do papel da educação para a inclusão das pessoas na sociedade, conseguiu, em 1945, que a Escola Caetano de Campos, em São Paulo, implantasse o primeiro curso de formação de professores para o ensino de cegos. Estas foram as primeiras vitórias dentre muitas outras que viriam.

Nunca descuidou de sua formação, conciliando-a com as necessidades que percebia para qualificar-se para o trabalho de conseguir alternativas que ajudassem superar a exclusão de pessoas. Em 1945, viajou para os Estados Unidos para fazer um curso de especialização na área de deficiência visual no **Teacher's College**, na Universidade de Colúmbia, em Nova York, com uma bolsa de estudos patrocinada pelo governo americano, através da Fundação Americana para Cegos . Hospedada na Casa Internacional, conheceu o jovem advogado carioca Edward Hubert Alexander Nowill (1923-2013), filho de um pastor protestante inglês, com quem veio a se casar e viveu por 61 anos. Com ele, teve cinco filhos ( três homens e duas mulheres).

Na sua estadia em Nova York, participou de uma reunião com a Diretoria da **Kellog's Foundation**, onde expôs o problema da falta de livros em Braille para cegos brasileiros e a necessidade de se conseguir uma imprensa braille . Em 1948, a Fundação para o Livro do Cego no Brasil - que havia sido criada por Dorina e um grupo de amigas dois anos antes- recebeu da **Kellog's Foundation** e da **American Foundation for Overseas Blind** uma imprensa braille completa com maquinários, papel e outros materiais.

Ao retornar ao Brasil, dedicou-se a implantação da primeira imprensa braille de grande porte no país, sendo também responsável pela criação, na Secretaria da Educação de São Paulo, do Departamento de Educação Especial para Cegos. Há quem diga que nos últimos 60 anos não há no Brasil uma só pessoa cega alfabetizada que não tenha tido em suas mãos pelo menos um livro em braille produzido pela Fundação Dorina Nowill para Cegos, que é como a Fundação para o livro do cego passou a se chamar a partir de 1991. Além dos avanços tecnológicos para produção dos livros em braille, a instituição sempre procurou acompanhar e também cumprir as recomendações da UNESCO no que diz respeito à composição de livros para crianças. Atualmente, além dos livros em braille, a instituição também produz livros em áudio, fonte ampliada e em formato digital acessível. A instituição dispõe de uma moderna imprensa braille que produz para distribuição gratuita livros de diferentes gêneros e autores para mais de 2500 escolas, organizações, associações e bibliotecas que atendem ao público com deficiência visual. Além do acesso à cultura e informação por meio dos materiais acessíveis, quem passa pela Fundação Dorina recebe atendimentos personalizados de reabilitação e educação especial, atendimento psicológico, programas de empregabilidade, e

fisioterapia, entre outros atendimentos. O objetivo é que as pessoas que passem pela Fundação Dorina tenham mais autonomia e independência em suas atividades diárias.

Há também uma área responsável pela inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho dando suporte às empresas que querem contratar levando em consideração a pessoa/profissional e não a sua deficiência. A Fundação Dorina também atende a demandas de consultorias, serviços e produtos acessíveis, como transcrição de cardápios, projetos de audiodescrição para diferentes ocasiões, como peças teatrais, e consultorias a estabelecimentos sobre como receber uma pessoa com deficiência visual, entre outros.

Dorina Nowill colaborou para a elaboração da lei 2287 (03/09/1953) em São Paulo, regulamentada pelo decreto 24.714 de 06/07/1956, que permitiu que cegos pudessem estudar em escolas regulares.

Além da educação, outra preocupação de Dorina sempre foi a prevenção da cegueira, já que 50% dos casos de cegueira são evitáveis. Em 1954, o Conselho Mundial para o Bem-Estar do Cego se reuniu no Brasil, em conjunto com o Conselho Brasileiro de Oftalmologia e a Associação Panamericana de Saúde.

De 1961 a 1973, Dorina dirigiu a Campanha Nacional de Educação de Cegos do Ministério da Educação e Cultura (MEC). Em sua gestão foram criados os serviços de educação de cegos em todas as Unidades da Federação.

Em 1975, foi escolhida a mulher do ano pela ONU e em 1979, eleita presidente do Conselho Mundial de Cegos, sendo a primeira mulher a exercer o cargo. Em 1981, ano internacional da pessoa deficiente, falou na Assembléia Geral das Nações Unidas como representante do Brasil. Durante a Conferência da OIT, em Genebra, 1982, Dorina conseguiu que a Recomendação 99, que trata de reabilitação, treinamento e profissionalização do cego fosse discutida. Foi inspiração para Maurício de Souza, que incluiu na turma da Mônica a personagem cega Dorinha.

Escreveu o livro "... E EU VENCI ASSIM MESMO", lançado em 1996, que foi traduzido para o espanhol com o título "...Y AUN ASÍ LO HE CONSEGUIDO", e apresentado em reunião da União Mundial de Cegos na África do Sul em dezembro de 2004, com distribuição para toda a Europa e América Latina. Além disto, foi a inspiradora da obra "Para Ver Além", livro lançado em 2002, que reúne frases de sua autoria, sob a organização de Marina Gonzalez.

Em 2009, participou ativamente das comemorações dos 200 anos de nascimento de Louis Braille (inventor do sistema de escrita e leitura para cegos). Na época, chamou a atenção para questões relacionadas à deficiência, envolvendo toda a sociedade em uma ampla reflexão sobre o uso do Sistema Braille como um instrumento indispensável tanto na educação quanto no exercício da cidadania com maior independência e autonomia para as pessoas com deficiência visual. Foi considerada uma das cem pessoas mais influentes do ano pela Revista Época por seu trabalho em prol da educação, cultura, reabilitação e profissionalização de pessoas cegas e com baixa visão. Neste mesmo ano, quando completou 90 anos, Dorina recebeu diversas homenagens por uma vida inteira dedicada à inclusão dos deficientes visuais nas mais diversas áreas: cultura, educação, saúde e trabalho. Em 16 de junho de 2016, foi lançado o filme documentário "**Dorina – Olhar para o mundo**", dirigido por Lina Chamie. \*

*\*O documentário, que tem versão também para cegos (com áudio descrição), pode ser assistido pela HBO GO, através do site <http://www.hbogo.com.br>*

Dorina faleceu em 29 de agosto de 2010, aos 91 anos.

Frases de Dorina Nowill :

***"Vencer na vida é manter-se de pé quando tudo parece estar abalado. É lutar quando tudo parece adverso. É aceitar o irrecuperável. É buscar um caminho novo com energia, confiança e fé."***

***“ Ser cego é enxergar com outros sentidos”***

***“ Nunca fiquei deprimida por causa da cegueira. Um pouco triste sim; eu tenho uma mola embaixo de mim, se algo me puxa pra baixo, imediatamente eu pulo para cima”.***